

## ACESSIBILIDADE E PROEMINÊNCIA EM REDE: A CONSTRUÇÃO DOS REFERENTES “ELE(S)” NAS TIRINHAS DE *ARMANDINHO*

### ACCESSIBILITY AND PROMINENCE IN A NETWORK: THE CONSTRUCTION OF REFERENTS “HE(THEY)” IN *ARMANDINHO* COMIC STRIPS

Maria Verônica Monteiro Lima <sup>1</sup>  
Janaica Gomes Matos <sup>2</sup>

#### RESUMO

*Este artigo visa a demonstrar a construção da acessibilidade de referentes implícitos, identificados pelo pronome “ele/s”, sem antecedente ou sem âncora direta, através de fatores de proeminência observados nas redes referenciais das tirinhas do personagem Armandinho. À vista disso, respaldamo-nos não só em autores da Linguística Textual, como Matos (2018a; 2018b) e Cavalcante et al. (2022), que propõem a noção de redes referenciais em perspectiva sociocognitiva, e Costa (2007), que aplica a noção de acessibilidade à análise da referenciação; mas também em autores da Pragmática, como Ariel (1988; 1996; 2001), cuja Teoria da Acessibilidade é adaptada à abordagem da proeminência discursiva de Von Heusinger e Schumacher (2019), como fenômeno dinâmico, atrativo e relacional. Utilizamos uma abordagem descritivo-explicativa, de modo a observar a provável contribuição de determinados fatores de proeminência para a ativação mental dos referentes implícitos em rede. Analisamos uma amostra de dez (10) tirinhas, porém trazemos à discussão dois (2) exemplares representativos, cujas análises enfatizam as pistas de concessão de destaque referencial pela topicidade, pela não competitividade, pela atratividade nas relações de ancoragem e pelo givenness enciclopédico. Assim, apontamos que a análise relacional dos referentes em rede, não apenas pela forma linguística, mas por pistas de proeminência que incluam os fatores enciclopédicos poderá ser um meio profícuo para se analisar a acessibilidade, especialmente a de referentes implícitos nos textos.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *acessibilidade; proeminência discursiva; redes referenciais.*

#### ABSTRACT

*This article aims to demonstrate the construction of the accessibility of implicit referents, identified by the pronoun “he/s”, without an antecedent or without a direct anchor, through prominence factors observed in the referential networks of the comic strips featuring the*

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística (UESPI) e membro do grupo TEXTUALE. E-mail: [mariavml@aluno.uespi.br](mailto:mariavml@aluno.uespi.br) ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6941-4450>

<sup>2</sup> Doutora em Linguística, professora adjunta da UESPI, coordenadora do grupo TEXTUALE e membro do grupo PROTEXTO/UNILAB. E-mail: [janaicagomes@gmail.com](mailto:janaicagomes@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9587-8438>

*character Armandinho. In view of this, we rely not only on authors from Textual Linguistics, such as Matos (2018a; 2018b) and Cavalcante et al. (2022), who propose the notion of referential networks from a socio-cognitive perspective, and Costa (2007), who applies the notion of accessibility to the analysis of referenciation; but also in authors of Pragmatics, such as Ariel (1988; 1996; 2001), whose Accessibility Theory is adapted to the discursive prominence approach of Von Heusinger and Schumacher (2019), as a dynamic, attractive and relational phenomenon. We used a descriptive-explanatory approach in order to observe the probable contribution of certain prominence factors to the mental activation of implicit referents in the network. We analyzed a sample of ten (10) comic strips, but we bring to the discussion two (2) representative examples, whose analyses emphasize the clues of concession of referential prominence by topicality, by non-competitiveness, by attractiveness in anchoring relations and by encyclopedic givenness. Thus, we point out that the relational analysis of referents in a network, not only by linguistic form, but by prominence clues that include encyclopedic factors, may be a fruitful means of analyzing accessibility, especially that of implicit referents in the texts.*

**KEYWORDS:** *accessibility; discursive prominence; referential networks.*

## **Introdução**

A construção de um referente pelo produtor textual e sua compreensão pelo leitor pode aparentar simplicidade quando se trata de textos curtos, como os do gênero tirinha. Todavia, surpreende-nos a complexidade dos fatores de acessibilidade na interpretação de certos referentes, como é o caso manifestado pelo pronome “ele/s”, com antecedentes vagos, ou sem ancoragem, nas tirinhas do personagem Armandinho, de Alexandre Beck.

Neste trabalho<sup>3</sup>, para se descobrir a quem Beck imputa a identificação referencial por meio de pronomes de terceira pessoa, em suas tirinhas, consideramos que, muitas vezes, a inferência pelo leitor pode ser, no mínimo, “trabalhosa”, exigindo dele uma compreensão acerca de contextos. No entanto, é curioso que tal uso pronominal sugira ao leitor que se trata de algo ou alguém facilmente *localizável* na memória discursiva, ainda que não haja sobre o referente uma identificação precisa, deixada no contexto. Esse pensamento inicial acabou por impulsionar uma problemática, a partir da qual indagamos: que tipos de relações entre os referentes entrelaçados em rede, seja explicitamente verbalizados ou não, seja imagéticos, podem contribuir para certo nível de acessibilidade do referente, nomeado vagamente pelo pronome “ele/s”, nas tirinhas de Armandinho? Como a rede referencial da tirinha pode mobilizar pistas de acessibilidade ligadas ao grau de proeminência do referente “ele/s”?

Essas questões configuram assim nosso objetivo de analisar a rede referencial das tirinhas, bem como os fatores ligados à proeminência dos referentes nessa rede, que mais podem contribuir para a acessibilidade do referente identificado como “ele (s)” em tirinhas do personagem “Armandinho”, de Alexandre Beck. Para tanto, discutiremos, brevemente, a noção de redes referenciais de Matos (2018a; 2018b), que aborda a construção referencial em perspectiva sociocognitiva e relacional no texto, bem como a Teoria da Acessibilidade e seus fatores, segundo Ariel (1988; 1996; 2001); em seguida, falaremos do estudo de Von Heusinger e Schumacher (2019), que redimensionam nosso entendimento sobre a acessibilidade, por sua abordagem da proeminência discursiva como fenômeno dinâmico,

---

<sup>3</sup> Este trabalho é dedicado à profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (in memoriam), pelo inestimável legado deixado à Linguística Textual no Brasil e, em particular, por ter sido nossa inspiração e caminho teórico trilhado nesta pesquisa.

atrativo e que, de alguma forma, converge com nossa ideia de relacionalidade na construção da referência.

Por fim, mostraremos a construção do referente “ele (s)” em rede em duas tirinhas de Armandinho, representativas da nossa amostra, revelando seu imbricamento com alguns fatores de acessibilidade atrelados à proeminência.

## 1. Redes referenciais: uma visão relacional da referenciação

A tese sobre as redes referenciais em Matos (2018), sob a orientação da profa. Dra. Mônica Cavalcante (Protexto/UFC), configurou-se como uma nova abordagem diante das noções tradicionais de cadeias coesivas e também se distinguiu, em certo ponto, de uma análise das cadeias referenciais, tal como praticada pela primeira tendência de referenciação (sobre a revisão dos estudos de referenciação, cf. Custódio Filho, 2011). Segundo a autora, a análise da referenciação em rede tem a finalidade de “suprir a lacuna existente nos estudos sobre referência, uma vez que é necessário uma proposta alicerçada num construto resultante de fatores sociocognitivo-discursivos” (Matos, 2018a, p. 169), os quais são atualmente abordados por Cavalcante *et al.* (2022).

Para Matos (2018a), as redes referenciais constituem-se em entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, que desempenham, funcionalmente, variadas relações entre si em consonância com os propósitos comunicativos dos produtores textuais e com a diversidade de textos. Disso nasce não só uma mudança de nomenclatura, como também outro tratamento teórico-metodológico, levando-se em conta a relacionalidade entre os referentes, em perpétua plasticidade assumida pelos referentes, nas mais variadas ocorrências enunciativas.

Dito isso, evidencia-se que a noção de redes referenciais supera tais visões, pois a ideia de “cadeias” de Halliday e Hasan (1976) se delimitava, em princípio, à construção coesiva no âmbito formal e semântico para designar as ligações entre partes do texto, para a construção da textura. Também a visão de cadeias referenciais, seguida por Koch e Marcuschi (1998), bem como por Roncarati (2010) e por Cavalcante (2003), à época da primeira década deste século, seria mais restrita. Isto por não evidenciarem mais de perto o caráter da implicitude, dinamicidade e não linearidade envolvida na (re)elaboração dos objetos de discurso, apesar de constituído um grandioso avanço em direção à abordagem da referenciação, segundo Matos (2018b).

A justificativa, corroborada por Cavalcante *et al.* (2022), está na ideia de que as redes enfatizam uma visão mais ampla de relacionamentos entre os referentes na constituição de enlaces de sentidos, na medida em que a continuidade de um referente e suas transformações tendem a não ocorrer isoladamente no texto. Essas mudanças (recategorizações) tendem a ocorrer em relação associativa com outros elementos do texto, especialmente por outros referentes e até por outros elementos não referenciais, tecnolinguajeiros e multissemióticos, que podem funcionar como pistas de construção desse referente.

Com isso, Matos (2018a) postula a ideia de que as redes referenciais são formadas por “nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência” (Matos, 2018a, p. 169). Desta forma, Matos (2018a; 2018b) e Cavalcante *et al.* (2022) asseveram que tais ligações não se limitam à organização das unidades lexicais na materialidade textual, a partir da qual, por vezes, pode-se até mesmo optar por não explicitar a entidade discursiva.

Por isso, a noção de redes não enfatiza somente as ligações semântico-lexicais,

embora estas sejam também muito importantes; mas o foco está, sobretudo, nas relações sociocognitivo-discursivas, construtoras da coerência interacional. Ressaltamos também de Matos (2018b), inspirada em Roncarati (2010), o ajuste das redes às necessidades argumentativo-discursivas, a dependerem dos intuitos comunicativos do locutor, a um “querer dizer” moldável a qualquer gênero, sequência textual, ou composição retórica.

Neste processo, podemos envolver também a questão da acessibilidade, que consiste na identificabilidade do referente pela sua ativação mental nesse construto, especialmente dos que demandam uma construção mais implícita, por meio de fatores a funcionarem como verdadeiras pistas de acesso aos sentidos. Por esse viés, pontuamos a importância de considerar os referentes interligados em rede para a construção de seu acesso à memória, porque considerar apenas um referente isoladamente, ou levar em conta unicamente sua relação clássica com um antecedente direto, muitas vezes, é uma visão empobrecida, por tudo o que explicamos. Para tanto, tomamos como base a proposta de Cavalcante *et. al.* (2022), que apresentam os processos referenciais em rede, dos quais tomamos por critérios de análise apenas as introduções e as retomadas anafóricas<sup>4</sup>, presentes na tirinha analisada.

Assim, um referente se apresenta como introdução referencial -“quando um referente, ou objeto do discurso, aparece no texto de alguma maneira, pela primeira vez. Portanto, surge sem âncora precedente, como ocorre no exemplo abaixo:

(1)



Fonte: <https://www.instagram.com/desenhosdonando?igsh=c2FscDFxMmp1MWx0>

Na charge em questão, o referente “emergência climática” é introduzido no início do texto, pela fala do garoto. Na progressão dos quadrinhos, outros referentes em rede recategorizam-no, ou seja, acrescentam-lhe novos sentidos, como os elementos imagéticos do segundo quadrinho, quando evidenciam o personagem em meio a uma enchente. Posteriormente, no terceiro quadrinho, ocorre uma mudança brusca: de enchente a seca extrema, enfatizado pelo sol e o chão rachado, e no quarto e último quadrinho, quando se mostra o cadáver do personagem que não resistiu às mudanças climáticas.

Embora possamos entendê-lo de modo recategorizado, na sequência dos quadrinhos (a charge enfatiza que, embora muitas pessoas vejam a temática do clima como um exagero, os impactos do clima já estão em nosso meio diariamente), o termo “emergência climática” é uma introdução referencial, por ocorrer sem um termo precedente com o qual se possa estabelecer um gancho no cotexto.

Já o referente é uma *anáfora direta* quando se “retoma um mesmo referente, o qual já foi introduzido no texto” Cavalcante *et al.* (2022, p. 291). Para exemplificar, verifiquemos a

<sup>4</sup> Além das introduções e anáforas, temos ainda a dêixis, um processo híbrido, que situa o enunciador no *locus* enunciativo como seu ponto de origem, bem como expressa os objetos de discurso no texto, seja por expressões dêiticas, seja por pistas contextuais (cf. Martins, 2019).

tirinha abaixo:

(2)



Fonte: <https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho?igsh=MTFycTBmYjVocXMweQ==>

O cartunista Alexandre Beck evidencia um assunto bem atual que se refere às *bets*, um termo em inglês que significa “apostas”. Uma das *bets* mais populares é o jogo do Tigrinho, o qual que tem endividado muitas pessoas no Brasil. Analisando a progressão do texto, primeiramente há a introdução referencial de “meu tio” e, posteriormente, esse referente é retomado pela anáfora direta “ele” na segunda cena e na terceira tirinha. Logo, aqui se tem a clássica relação anáfora-antecedente, em que o pronome “ele” remete ao seu termo precedente, “meu tio”.

A depender de certos fatores colocados por Ariel (1996), conforme veremos adiante, o grau de acessibilidade pode influenciar na (não) “facilidade” do resgate mental do referente anaforizado. Neste caso, o pronome “ele” é prototipicamente usado em contextos de alta saliência (entendida como proeminência por Von Heusinger e Schumacher, 2019), uma vez que tende a retomar entidades discursivas introduzidas e/ou manifestas de modo recente, no cotexto, acompanhadas de outras pistas descritas por Ariel (1996; 2001), como os contextos de onde se recuperam os referentes (associadas aos tipos de *givenness*), os fatores de saliência e unidade do referente, da distância da anáfora com relação ao antecedente, do grau de competitividade entre os referentes.

Já as *anáforas indiretas* são, em conformidade com Cavalcante *et al.* (2022, p. 293), referentes que “não retomam um mesmo referente, pois introduzem um outro referente associado indiretamente a outro ou outros já introduzidos no texto”. Essas associações podem se dar mediante pistas de diferentes naturezas, como as ligações semânticas entre os referentes verbais, ou os conhecimentos compartilhados. Isso possibilita, muitas das vezes, uma análise sociocognitiva mais rebuscada para se inferir o referente do qual se fala. É o caso do exemplo (3) a seguir:

(3)



Fonte: <https://www.instagram.com/claytoncharges?igsh=czcwNXIvNTZ6ZDI0>

Na charge em questão, o cartunista Clayton evidencia o suposto envolvimento de Gustavo Lima, cantor sertanejo, em lavagem de dinheiro relacionados a jogos ilegais. Após Gustavo Lima recorrer, a justiça pernambucana revogou o pedido de prisão. Ademais, o cantor possui, dentre suas músicas mais conhecidas, o “tchê tchererê techê tchê”. Diante disso, compreende-se que a música vem metonimicamente representada (a canção pelo título) e se apresenta indiretamente ligada a Gustavo Lima, manifestado tanto verbalmente “Gustavo Lima” quanto imagetivamente, por meio de sua caricatura. Com isso, sugere-se que Gustavo Lima comemora a revogação de sua prisão cantando a música “tchê tchererê techê tchê”.

Por conseguinte, supomos que tal música, uma vez tendo uma aparição bastante implícita e indireta, possua um teor mais inacessível para certos leitores, caso necessitem do acesso a informações enciclopédicas, como a de que se trata de um cantor famoso na mídia massiva, que “tchê tchererê techê tchê” é uma música sua, etc., além dos outros indícios no cotexto. Assim, segundo a análise de Costa (2007), seria a integração de dados socioculturais externos aos da materialidade discursiva o que aproxima a referência indireta à Teoria da Acessibilidade.

Em outro caso, o referente se apresenta como uma anáfora encapsuladora quando retoma porções precedentes ou subseqüentes do cotexto e promove um resumo ou rótulo do que fora abordado. Vejamos o exemplo que se segue:



Fonte: <https://www.instagram.com/tirinhadearmandinho?igsh=MTFycTBmYjVocXMweQ==>

A anáfora encapsuladora em (4) não só retoma as matérias de Filosofia, História, Sociologia e suas importâncias, mas também resume o conteúdo proposicional sob a nomeação “isso”. Aqui ainda se acrescenta o fato de que possuir tais conhecimentos é “extremamente temeroso” para algumas pessoas que preferem a sociedade alienada e sem criticidade. Deste modo, embora o referente “isso”, tal como o pronome pessoal do caso reto, seja marcado por uma forma menos complexa e não rígida (por possuir um sentido geral) e menos informativa, nos termos de Ariel (2001), outros fatores devem ser observados nessa complexa ativação dos referentes. Citemos, por exemplo, o fato de não se tratar da recuperação de um antecedente específico no cotexto, mas sim de uma porção textual em rede, adquirindo o encapsulamento certos contornos de anáfora direta e indireta ao mesmo tempo.

Lembremos ainda o fenômeno da recategorização, que perpassa todos os processos de referência, enquanto contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes que se continuam na progressão textual, um traço considerado por Cavalcante *et al.* (2022) como intrínseco a toda retomada anafórica. Portanto, por este pressuposto, o referente é efetivamente recategorizado a cada retomada, seja por anáforas diretas, seja por anáforas indiretas, seja por encapsulamentos, seja por dêiticos, dentro da complexa arquitetura reticular

nos textos.

Passemos a discorrer acerca do caráter da acessibilidade, com a qual a proeminência se encontra intrinsecamente relacionada.

## 2. Teoria da acessibilidade e seus fatores

A teoria da acessibilidade de Mira Ariel (1988; 1996; 2001) tem como concepção central a ideia de que as expressões referenciais no discurso – definidas como marcadores de acessibilidade – sinalizam ao interlocutor como recuperar da memória as informações elementares para a inferência de certos referentes. Para Ariel (1996; 1988), quanto menor for a forma referencial, maior será o seu grau de acessibilidade, porque se parte do pensamento de que se usa menos informação quando não há necessidade de maiores explicitações sobre as entidades mentais. E assim também o contrário: quanto maior a necessidade de esclarecer sobre as entidades, mais expandido será o conteúdo informativo a seu respeito, através de nomes plenos e descrições definidas, por exemplo. Para nós, embora haja uma grande lógica nessa questão, é também verídico que isto não se aplique a todos os contextos de ocorrência. O uso pronominal de terceira pessoa intencionalmente vago, sem um antecedente ou sem uma âncora direta expressa, é um destes casos.

Para iniciar essa discussão, Ariel (2001) toma a noção de *givenness* como aquilo que é fornecido no contexto, englobando informações situadas no contexto de fala (conhecimentos de situações de fala compartilhadas), no linguístico (conhecimento inferidos a partir do cotexto) ou no enciclopédico (informações compartilhadas a partir do conhecimento de mundo). Entretanto, faz-se importante a ressalva de que Ariel (2001) não realiza associações biunívocas entre as formas de expressões referenciais e os tipos de *givenness*, uma vez que a autora entende que não exista essa repartição cognitiva na memória sobre os contextos recuperados por tais expressões.

Sobre o *givenness* enciclopédico, Costa (2007) acrescenta que, se a informação a qual se faz referência fizer parte da base cognitiva comum a uma determinada comunidade cultural, o grau de acessibilidade tende a se tornar mais alto. Nesse intuito, a autora direciona o estudo da acessibilidade para o âmbito sociocognitivista, onde o marcador não é o principal indicador desse processo, mas todo o conhecimento sociocognitivo compartilhado pela comunidade cultural e é por esse viés que o presente estudo se envereda.

Essas categorias de análise são importantes a este trabalho, cujos resultados de análise convergem para a constatação de Costa (2007) sobre o quão fundamental é o auxílio dos tipos de *givenness*, especialmente o de caráter enciclopédico, para o resgate da entidade discursiva na memória, segundo veremos na seção de análise.

Ariel (1988; 1996, adaptado *apud* Costa, 2005) propõe quatro fatores de acessibilidade dos referentes, baseados na relação entre uma anáfora e seu antecedente. Faz-se interessante dizer que tais fatores se imbricam de modo que eles podem convergir na contribuição de um nível mais alto ou mais baixo de identificação referencial, ou algum fator poderá atuar em divergência com outro (s), podendo sobrepor-se a ele(s). Diante disso, procedemos a uma adaptação de nossa análise para este estudo, procurando observar como os traços de um termo prototipicamente anafórico, porém sem antecedente, em nível discursivo, poderiam atuar segundo esses fatores, cujo status informacional é sugerido como “dado”, e não como “novo” nas tirinhas.

Diante disso, o primeiro fator concerne ao nível de *distância* entre o antecedente e a anáfora (Givón, 1983; Ariel, 1996). Para a autora, este critério é o mais fácil de quantificar, em virtude da medição de distâncias entre a anáfora e seu antecedente. A autora assim



estabelece uma comparação de uso dos marcadores anafóricos (pronomes, demonstrativos e descrições definidas) e as posições no texto (mesma sentença, sentença anterior, mesmo parágrafo, entre parágrafos). Em resumo, a autora afirma que o uso de pronomes (marcador de alta acessibilidade) é maior quando as distâncias em relação ao antecedente são curtas (mesma sentença/sentença anterior); ao passo que os demonstrativos são mais usados para distâncias intermediárias (sentença/parágrafo prévio), enquanto as descrições definidas (marcador de baixa acessibilidade) tendem a ocorrer em distâncias mais longas (mesmo parágrafo/entre parágrafos). O fato é que, quanto menor a distância das menções a um mesmo objeto discursivo, maior será o grau de acessibilidade e, para Von Heusinger e Schumacher (2019), maior será o nível de proeminência.

O segundo fator de acessibilidade se refere ao nível de *competição* entre os antecedentes; em outros termos, o grau de acessibilidade pode se tornar mais baixo quando há várias entidades discursivas que podem ser inferidas como antecedentes de uma mesma anáfora. Um bom exemplo disso é o da Fábula de Esopo, mostrada por Costa (2007):

(5) *O leão e o mosquito*

*Um leão ficou com raiva de um mosquito que não parava de zumbir ao redor de sua cabeça, mas o mosquito não deu a mínima.*

*-Você está achando que vou ficar com medo de você só porque você pensa que é rei? – disse ele altivo, e em seguida voou para o leão e deu uma picada ardida no seu focinho.*

*Indignado, o leão deu uma patada no mosquito, mas a única coisa que conseguiu foi arranhar-se com as próprias garras. O mosquito continuou picando o leão, que começou a urrar como um louco. No fim, exausto, enfurecido e coberto de feridas provocadas por seus próprios dentes e garras, o leão se rendeu. O mosquito foi embora zumbindo para contar a todo mundo que tinha vencido o leão. (Fábulas de Esopo - Companhia das Letrinhas, extraído de Costa, 2007, p. 124, grifos da autora)*

No texto (5), Costa (2007) comenta que a escolha das sucessivas expressões definidas, “o leão” e “o mosquito”, não é aleatória, mas, certamente, visa a evitar ambiguidades ao leitor, que poderia confundir os dois referentes distintos em competição, por meio de uma mesma referência “ele”. Por essa razão, os traços de baixa sobreposição semântica e baixa compatibilidade entre um referente saliente e seu competidor reforçam seu *status* de proeminência (Von Heusinger e Schumacher, 2019).

O terceiro fator refere-se ao nível de *saliência* no discurso, como a presença física do objeto no contexto de fala, por exemplo, tendo como um de seus principais requisitos o fato da entidade introduzida ser tópica ou não-tópica. A topicidade é um dos critérios utilizados pela autora como um recurso que justifica explicar o uso do pronome de terceira pessoa, caracterizado com um marcador de alta acessibilidade, mesmo que seu antecedente esteja em um parágrafo anterior (Ariel, 1988). À primeira vista, isso poderia parecer uma contradição com o fator da distância, como vimos. Esta condição seria a mesma mencionada por Costa (2007) no exemplo a seguir:

(6) *Boca aberta*

*Quando eu era pequeno, não acreditava em beijo de cinema. Achava que eles não podiam estar se beijando de verdade, nos filmes de censura livre. (Luís Fernando Veríssimo, extraído de Costa, 2007, p. 125)*

Em (6), temos o uso de “eles” pelo autor, ainda que esta seja uma expressão pouco informativa, para se remeter a “os casais românticos dos filmes”, um antecedente apenas



construído indiretamente no discurso, sem menção anterior. Logo, segundo Costa (2007), este fato seria explicado pelo critério da topicidade, pois aqui se concede saliência textual aos casais de atores que se beijam nos filmes de cinema. Para nós, este caso muito se assemelha ao emprego pronominal nas tirinhas de Armandinho investigadas.

O quarto aspecto diz respeito à *unidade*, segundo a qual há níveis mais elevados de acessibilidade quando o antecedente se encontrar no mesmo contexto da anáfora, seja na mesma frase, parágrafo, *frame*<sup>5</sup>, mundo/ ponto de vista, concernente a traços como os de recentidade da anáfora em relação ao antecedente, à sua frequência e seu lugar de topicidade. Mais uma vez, recorremos a Costa (2007):

(7) **From:** R A  
**To:** CVL - Comunidade Virtual da Linguagem  
**Sent:** Thursday, June 08, 2006 9:42 AM  
**Subject:** [CVL] Re: Professor, estou sensibilizada com o problema em relação à filologia.

Caros,  
Tenho acompanhado, a distância, **a discussão sobre o sepultamento ou ressurreição da Filologia no campo das Letras**. Já li e compreendi o lado da lingüística e o da filologia. (...) (Costa, 2007, p. 155, grifos da autora)

No trecho em (7), Costa (2007) traz para análise a troca de mensagens opinativas da Comunidade Virtual da Linguagem na Internet. Nesta, a expressão grifada pela autora manifesta uma anáfora encapsuladora de outras mensagens anteriores na mesma Comunidade, sobre o dilema do papel da Filologia na Faculdade de Letras. O fato de a anáfora retomar, intertextualmente, uma discussão de outros cotextos ocasionaria uma “frouxidão” entre a anáfora e seu antecedente não exposto. Daí a justificativa, conforme a pesquisadora, da expressão encapsuladora ser menos atenuada, ou de maior extensão.

Sobre o uso pronominal “ele” sem antecedente no contexto, Ariel (2001), mesmo o reconhecendo como um uso intencionalmente motivado, não aprofunda este tipo de ocorrência, detendo-se mais numa análise correferencial, segundo a sequência linear e tradicional do antecedente-anáfora no cotexto. O fato deste pronome exibir traços formais, tais como ser menos informativo, mais rígido e mais atenuado<sup>6</sup>, faz com que a autora o classifique como um indicador referencial de alta acessibilidade. Entretanto, isso não se confirma em determinados contextos, como é o caso das tirinhas de Armandinho, em que o pronome “ele” não traz uma acessibilidade tão alta ao leitor.

Em suma, a teoria de Ariel (1996; 1988) é proposta como uma noção escalar, já que a autora prioriza a análise da acessibilidade quanto à forma dos marcadores. Isso representa, a nosso ver, uma visão estática, visto que nem sempre qualquer contexto de uso faz do marcador “ele”, por exemplo, uma referência de alta acessibilidade, como afirma a autora.

Inspirando-nos em Costa (2007), adaptamos nossa análise<sup>7</sup> pelo fato de não haver um

---

<sup>5</sup> *Frames* são espécies de representações mentais que estruturam a experiência humana, na representação de conceitos e aspectos da vida e das culturas sociais.

<sup>6</sup> Tais traços formais enumerados se referem à informatividade, ou seja, o grau de conteúdo de uma expressão referencial; a rigidez, quanto ao grau de unicidade com que o referente é designado; e a atenuação, que representa a extensão formal de uma expressão referencial.

<sup>7</sup> Costa (2007), orientada por Mônica Cavalcante, adapta a proposta dos fatores de acessibilidade de Ariel à análise da referência no texto, focalizando o processo do encapsulamento intertextual. De acordo com Costa (2007), esses fatores funcionam em nível textual-discursivo. Por exemplo, o tópico pode ser pensado no nível macroestrutural do texto, bem como os frames podem ser considerados em perspectiva sociocognitiva.

antecedente direto (mas possíveis outras pistas), também pelo fato da distância na unidade textual ser mensurada pela segmentação dos quadrinhos (ao invés de parágrafos); ou ainda, pelo fato de ser aplicada em nível textual-discursivo, e não intersentencial. À vista disso, mediante a abordagem sociocognitivo-discursiva, propusemos-nos a ampliar a análise da acessibilidade através das redes referenciais também em relação com a abordagem de Von Heusinger e Schumacher (2019), que será discutida adiante.

### 3. A proeminência discursiva: relacionalidade dos referentes

A proeminência, tal como a abordamos, é uma noção estudada na Pragmática discursiva, que vem sendo utilizada na literatura para dar conta de vários outros fenômenos como o de acessibilidade, de ativação referencial, de *givenness* e de saliência, sendo constantemente aplicada a estudos, como os da cognição e da Psicolinguística experimental. No entanto, segundo Von Heusinger e Schumacher (2019), não há uma caracterização precisa para essa noção, empreendimento este que os autores lançam mão para explicar.

Antes de tudo, destacamos que a proeminência, ao mesmo tempo em que é reconhecida como um princípio básico organizacional da língua em seus vários níveis gramaticais, também é responsável pela construção de representações discursivas. Quando aplicada ao nível textual, segundo Von Heusinger e Schumacher (2019), a proeminência é uma noção central para determinados fenômenos, como a gestão referencial e as relações de coerência, as quais nos interessam.

A proeminência discursiva de Von Heusinger e Schumacher (2019) se torna uma noção teoricamente mais avançada e abrangente sobre a acessibilidade do que a noção escalar de Ariel (2001). Nesse contexto, salientamos que a proeminência se identifica com o fator de acessibilidade denominado, nos estudos pragmáticos de Mira Ariel (1996), de “saliência”, uma vez que, para Heusinger e Schumacher, o grau de facilidade de acesso mental ao referente pode ser entendido como uma questão funcional de relevância dos elementos no discurso.

A partir dos trabalhos de Himmelman e Primus (2015), Von Heusinger e Schumacher (2019) caracterizam a proeminência segundo três critérios: *relacional*, *dinâmico* e *atrator de operações linguísticas*.

O primeiro critério, de caráter relacional, aponta a caracterização da proeminência como a *entidade discursiva mais destacada no discurso*. No entanto, “uma unidade de proeminência só pode ser proeminente em relação a unidades de tipo igual. Portanto, é uma noção fortemente relacional, em que o status de uma entidade é avaliado em relação aos membros do mesmo tipo” (Von Heusinger e Schumacher, 2019, p. 118). A partir disso, pode-se afirmar que uma entidade referencial é classificada como mais proeminente não por si mesma, mas por sua relação com outras entidades referenciais no discurso, o que muito converge para uma noção de redes. Vejamos:

- (8) a. **Phil** liked to start his busy day in one of the local coffee shops.  
b. **He** especially liked to sit on the patio of Clairs, drink a cappuccino and observe the sailors on the lake.  
c. Today only one sailor was there who practiced some maneuvers.  
d. **Phil** watched the sailor who was suddenly whacked by the boom.  
e. #Ouch! That hurt!  
f. Poor guy! (Extraído de Von Heusinger e Schumacher, 2019, p. 121, grifo nosso)

- a. **Phil** gostava de começar seu dia agitado em uma das cafeterias locais.
- b. **Ele** especialmente gostava de sentar no pátio do Clairs, tomar um cappuccino e observar os velejadores no lago.
- c. Hoje havia apenas um velejador lá, que praticava algumas manobras.
- d. **Phil** observava o velejador, que de repente foi atingido pela retranca.
- e. #Ai! Isso doeu!
- f. Coitado! ) (Tradução nossa)

Segundo o que explicam os autores, apenas um referente proeminente, em um discurso indireto livre, pelo traço da sua topicalidade e da expressão de seus pensamentos, pode se tornar a âncora perspectival nesse discurso. Por conseguinte, “Phil” seria o elemento mais proeminente em (8), uma vez que representa o centro da subjetividade (Ex.: por seu sentimento de compaixão: “Coitado!”), sendo o tópico discursivo e o argumento temático mais elevado a suplantar a relevância do “velejador”, cujos pensamentos não podem ser expressos da mesma maneira.

O segundo critério diz respeito à *dinamicidade*. Segundo os autores, a proeminência é dinâmica, porque ela pode mudar com o avanço do discurso. Isto é, em um dado momento é possível estabelecer a proeminência de um objeto discursivo, porém, com a progressão textual, novos objetos são inseridos; logo, estes podem se destacar, passando a ser os mais focalizados no discurso. Vejamos:

(9) a. *The cello player wants to impress the critic. He-DEM<sup>8</sup> is asleep at the switch. He keeps looking at his cell phone. The cello player had prepared for this performance for weeks and is now disappointed that the critic is absent-minded.*

b. *The cello player wants to impress the critic. He is asleep at the switch. It was obvious how much effort he put into receiving the critic's attention. But in an orchestra with more than 50 members, this was not easy. (Extraído de Von Heusinger e Schumacher, 2019, p. 120, grifos dos autores)*

a. *O violoncelista quer impressionar o crítico. Este está "cochilando no ponto". Ele continua a olhar para o celular. O violoncelista havia se preparado para essa apresentação por semanas e agora está decepcionado porque o crítico está distraído.*

b. *O violoncelista quer impressionar o crítico. Ele está "cochilando no ponto". Era óbvio o quanto ele se esforçava para atrair a atenção do crítico. Mas, em uma orquestra com mais de 50 integrantes, isso não era fácil. (Tradução nossa)*

Graças a um modelo dinâmico de discurso, segundo os autores, em vez da manutenção referencial, pode ocorrer que a “cadeia” ligada ao referente principal seja desconectada. Em (9a), o pronome demonstrativo “Este” possui um potencial prospectivo (“*forward-looking potential*”), na medida em que pode funcionar como um elemento de mudança de tópico, redirecionando o foco sobre o “violoncelista” para “o crítico”, passando a atribuir-lhe mais prioridade. Diferentemente de (9b), no qual o pronome sujeito “ele”, na terceira sentença, indica a manutenção do referente prévio, “o violoncelista”, no centro de atenção do leitor.

O terceiro critério concerne à qualidade da entidade proeminente como *atratora de operações linguísticas*, de modo que tais entidades tendem a se comportar como atrativa de

---

<sup>8</sup> O uso original em inglês de “DEM” significa que o pronome pessoal “He” é equivalente ao pronome demonstrativo “der” em alemão.

relações que envolvam outras entidades menos proeminentes, servindo de âncora para outras proposições. Tal critério é qualificado por Von Heusinger e Schumacher (2019) como o cerne da estruturação funcional da proeminência, algo não descrito em pesquisas anteriores; originalidade essa ressaltada por estes mesmos autores. Tomemos uma ilustração:

- (10) a. *Many athletes met at the annual award ceremony in Baden-Baden.*  
b. *It was the first time for Ron, a member of the swimming team, to attend this get-together.*  
c. *At the buffet, the swimmer talked for some time to a cyclist.*  
d. *He/This swimmer/The athlete reminisced about the Olympics in Rio de Janeiro.*  
e. *Later in the evening, he was introduced to a rower/\*the rower/\*him.* (Extraído de Von Heusinger e Schumacher, 2019, p. 120, grifos dos autores)

- a. *Muitos atletas se encontraram na cerimônia anual de premiação em Baden-Baden.*  
b. *Foi a primeira vez de Ron, um membro da equipe de natação, de participar deste encontro.*  
c. *No buffet, o nadador conversou por algum tempo com um ciclista.*  
d. *Ele/este nadador/o atleta lembrou-se das Olimpíadas no Rio de Janeiro.*  
e. *\*\*Mais tarde na noite, ele foi apresentado a um remador/o remador/ele.* (Tradução nossa)

Sobre a atração estrutural, tem-se que referentes mais importantes nos contextos possuem maior possibilidade de continuidade, havendo mais chance de se constituírem como tópicos das sentenças subsequentes, tornando-se âncoras no discurso. Da mesma forma, possuem maiores variações no que diz respeito a seus modos de se continuar no texto. Como corolário dessa questão, as possibilidades de manutenção do referente introduzido por nome próprio com descrição definida, “Ron, um membro da equipe de natação” (10b), são maiores que as de outros referentes no texto acima, passando a atuar como sujeito, agente e tópico sentencial em sua subsequente menção “o nadador” (10c). Em seguida, há as anáforas “Ele/este nadador/o atleta” que podem recuperá-lo (10d). Em contraste, as retomadas de entidades menos salientes são limitadas a um ínfimo inventário de formas referenciais, com menor capacidade de ancoragem. É o caso de (10e), onde a introdução da entidade “remador” só pode ser realizada pela expressão indefinida “um remador”, excluindo-se outras como “o remador” ou “ele”. Todavia, vale lembrar que, em pesquisas como as de Matos (2018) e Cavalcante *et al.* (2022), as relações de ancoragem são mais abrangentes, incluindo não só as operações de correferencialidade (retomadas a um mesmo referente), mas também as de não correferencialidade (retomadas indiretas do referente).

Como vimos, Ariel se detém numa visão engessada de acessibilidade, enquanto a concepção de Von Heusinger e Schumacher (2019) considera a atuação dessas unidades de modo mais dinâmico, considerando a atuação de um referente em conjunto com outros. Para Von Heusinger e Schumacher (2019), quanto mais proeminente uma unidade referencial, maior será sua acessibilidade, posto que estará em maior evidência no plano discursivo.

As categorias analíticas passíveis de serem observadas neste âmbito são, principalmente, a agentividade verbal, o papel de sujeito x objeto, a topicalidade (tópico versus não tópico), o papel temático (agente *versus* paciente), o *givenness* (dado x novo considerados de modo gradiente), o papel semântico (referente como fonte x meta das ações verbais), a continuidade tópica no discurso, as relações de coerência (Jasinskaja *et al.*, 2015), dentre outros. Enfatizamos que, para fins deste estudo, a organização das redes para garantir a acessibilidade é convergente, em alguma medida, com o tratamento acerca da proeminência

discursiva, contudo não condizendo inteiramente com as preocupações estruturais.

Por isso, mesmo tendo em mente o avanço de ideias como as relações provisórias no discurso e o papel de destaque e de atração de um referente sobre outros, a ideia de ancoragem referencial se mostra mais linear e restrita para estes autores do que aquela que defendemos. Assim, é bem verdade que, ao compararmos as abordagens da referenciação e da proeminência na pragmática discursiva, constatamos que esta última mantém uma visão substancialmente limitada à dependência estrutural dos elementos, não abrangendo os múltiplos aspectos amplos e contextuais contemplados pelos estudos da referenciação. Logo, chamamos a atenção para uma constituição relacional e (possivelmente) hierárquica das redes de referentes, pois entendemos que possuem aplicabilidade ao nível do texto, em perspectiva sociocognitiva, mantendo-se as devidas proporções de congruência analítico-metodológica.

Após essas breves considerações, abordam-se adiante as categorias que subsidiam nossa análise.

#### 4. Categorias de análise da tirinha

Seguimos aqui uma abordagem qualitativa, interpretativa e descritivo-explicativa dos dados. Compusemos o universo amostral com 10 (dez) tirinhas do personagem “Armandinho” do autor Alexandre Beck, que estão veiculadas em diferentes redes sociais, como Facebook e Instagram. Deste total, exemplificaremos duas (2) tirinhas. De um modo geral, sublinhamos que as temáticas retratadas nas tirinhas de Armandinho, do autor Alexandre Beck, veiculada nas redes sociais, como Facebook e Instagram, relacionam-se a assuntos de cunho político e social em contexto brasileiro.

Situamos as seguintes categorias escolhidas para analisar a construção da rede referencial na tirinha: a) as verbais (elementos explicitamente nomeados por processos referenciais de introdução, de anáfora (in)direta ou encapsuladora); b) as imagéticas (construídas por meio de imagens); c) as implícitas (elementos implícitos, inferidos a partir dos conhecimentos enciclopédicos). Quanto às abreviaturas, descrevemos os elementos constituintes por meio das seguintes siglas. São elas: E.V (elementos verbais); E.I (elementos imagéticos); E. Implícito (elementos implícitos).

Para analisar a contribuição dos fatores de acessibilidade ligados à proeminência, as categorias selecionadas e adaptadas com base em Ariel (2001) e Von Heusinger e Schumacher (2019), foram: 1) a saliência (por meio da topicalidade e agentividade<sup>9</sup> (agente x paciente) no discurso); 2) a (não) competitividade; 3) a distância e a unidade (ligada aos quadrinhos e ao *frame*); 4) nível de continuidade referencial/tópica (pelas relações de atratividade (ou ancoragem); 5) os tipos de *givenness* (ligados aos conhecimentos compartilhados sobre o cotexto, sobre a situação de fala (ficcional da tirinha) e sobre o conhecimento enciclopédico).

#### 5. Análise da tirinha

(11)

---

<sup>9</sup> O fator de agentividade é aqui retratado não meramente em termos de marca sintática (sujeito e paciente), mas sim em termos semântico-discursivos, ou seja, verificamos se o “ele/s” são agentes das ações discursivas ou se são beneficiados das ações, levando em consideração o sentido global da tirinha.

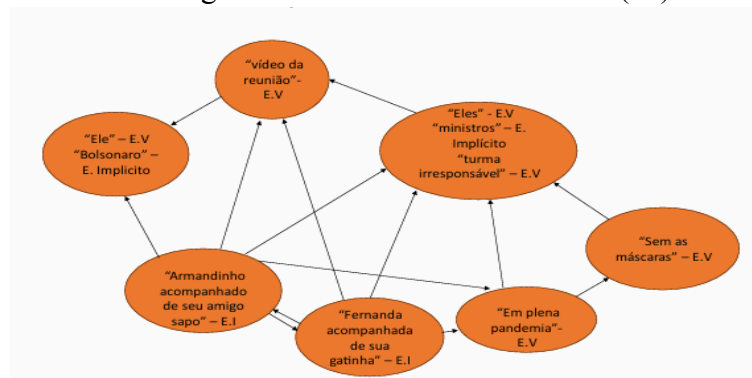


Fonte: <https://pt-br.facebook.com/tirasarmandinho/> 22/05/2020

Na tirinha em questão, notabilizam-se os personagens Armandinho, acompanhado de seu sapo, e a personagem Fernanda, acompanhada de sua gatinha, que conversam pelo telefone sem fio. Nesse contexto, a publicação da tirinha (na data de 22 de maio de 2020) alude a um vídeo que se tornou público a respeito de uma reunião do então Presidente da República Bolsonaro com os ministros do governo, em que houve falas um tanto polêmicas do presidente e dos ministros, durante a pandemia da Covid-19.

Nesse cenário, buscamos esquematizar as relacionalidades entre os principais elementos verbais (não) referenciais, imagéticos ou implícitos por meio da rede referencial, com foco analítico sobre o “ele/s”:

Figura 1: rede referencial do texto (11)



Fonte: elaborado pelas autoras

Considerando a rede em análise, o referente com identificação implícita “ele”, do primeiro quadrinho, apresenta-se como uma introdução referencial. Note-se, inicialmente, que não há um termo antecedente que demonstre de quem se trata, na superfície do texto. Porém, na progressão textual, buscamos descrever as pistas que podem levar à identificação desta referência. Vejamos que a introdução referencial “ele” logo passa a se relacionar discursivamente com o “vídeo da reunião”, de modo que a tirinha se centraliza neste fato.

No segundo quadrinho, a personagem Fernanda explica o porquê do posicionamento de Armandinho, quando enfatiza que “eles”, evidenciados no “vídeo da reunião”, aparecem sem “as máscaras”; esta uma anáfora indireta em referência a “eles”. Armandinho, por sua vez, ressalta que essa é uma “turma irresponsável”, em virtude de figurarem no contexto de “plena pandemia”, um objeto de discurso construído a partir de elementos, dentre os quais as “máscaras”. Observe-se que “as máscaras” possuem representação imagética na tirinha, uma vez que ambos os personagens aparecem usando-as. Elas operam como um relevante símbolo de proteção e, ao mesmo tempo, de responsabilidade social na pandemia, o que reforça o caráter crítico da tirinha. Logo, infere-se que a entidade discursiva “ele” logo é recategorizada

como “Bolsonaro”, passando a compor um “novo” referente em conjunto com “eles”, podendo ser inferidos como seus “ministros” na reunião, dados os conhecimentos sobre o fato divulgado na mídia como a reunião ministerial com a Presidência da República, ocorrida em maio de 2020.

Quanto ao fator de acessibilidade pela *topicalidade*, observa-se que o objeto discursivo mais saliente é o referente “vídeo da reunião”, pois os demais referentes em rede o mantêm ativo na memória, estando, de uma maneira ou de outra, ligados a ele discursivamente, acrescentando-lhe sentidos, o que nos leva a entendê-lo como o tópico discursivo; portanto, um sinal de proeminência. De um modo geral, vale salientar que atestamos, em nosso *corpus*, o uso padrão do pronome de terceira pessoa para designar entidades que possuíam um foco central, ou uma grande proximidade com ele. Isto como se o propósito discursivo fosse o de chamar a atenção a respeito da importância desse referente para o texto, seguindo a tendência de corroborar o relevante papel da topicalidade para a acessibilidade (Ariel, 2001) e a proeminência (Von Heusinger e Schummacher, 2019).

Sobre a *agentividade*, verifica-se que o referente implícito “eles” vai sendo focalizado durante a progressão textual, por meio da agentividade das ações das pessoas que participaram da “reunião”, seguindo-se a orientação argumentativa do texto. (Embora a agentividade seja um traço encontrado nas duas tirinhas desse artigo, este não foi um padrão visto em nosso *corpus*, já que houve referentes que funcionaram como tópico, porém não operando, necessariamente, como agentes no discurso).

Quanto ao *fator referente à competitividade*, não se constatou, em relação ao contexto discursivo da tirinha, outro referente que pudesse competir com o referente singular “ele”, já que o “eles” está no plural, indicando que não se trata de apenas uma pessoa. Tal fator (de não competitividade) colabora para uma circunstância de maior acessibilidade ao pronome em questão.

Já os *fatores da distância e da unidade*, levando em conta a unidade dos quadrinhos e os *frames* que compõem a narrativa, evidencia-se que a introdução referencial “ele” não possui antecedente, o que compromete a análise deste fator sob tais parâmetros. No entanto, ele se continua no texto, passando a se integrar indiretamente a “eles”. Em virtude dessas novas relações de referencialidade, nos quadrinhos posteriores, passa-se a compor um novo referente adicionado, não nos deixando garantir que haja uma unidade em termos das mesmas condições de referencialidade, apesar de se compreender que os referentes em questão se encontram no mesmo *frame* de “evento” da reunião. Logo, mesmo que “ele” apareça inicialmente como introdução referencial, sem ancoragem, adiante ele se recategoriza, ou seja, modifica-se, integrando-se ao “vídeo da reunião” e fazendo parte do conjunto referencial dos participantes do evento.

No que concerne ao fator relacionado ao *nível de continuidade tópica*, ao qual associamos às atrações pela ancoragem em rede, observa-se que o referente “vídeo da reunião” tende a encapsular todo o fato comentado pelos personagens, incluindo toda a porção textual e os demais referentes. Consoante a figura 1, observamos a tendência do referente “vídeo da reunião” de comandar a topicalidade discursiva da tirinha, de modo que todos os referentes, de uma forma mais próxima ou menos, ancoram-se neste objeto. Mas vale destacar que a entidade “eles”, agente do fato, também tende a promover uma continuidade muito significativa, com certo poder de atratividade de outros referentes que a ela se ligam discursivamente.

Quanto ao *fator ligado ao givenness pelo contexto enciclopédico*, compreende-se que a relação entre o autor e o leitor é crucial, pois este recebe a indicação de acessibilidade fornecida por aquele. Assim sendo, o autor incita o leitor a compreender a associação indireta entre esses referentes implícitos e os demais em rede da tirinha, pela ponte inferencial entre as



pistas sugeridas no texto e as informações mobilizadas dos saberes enciclopédicos, utilizando-se da memória discursiva sobre a pandemia e a reunião presidencial.

Ressalta-se, pois, que essas construções nos possibilitam inferir acerca de outros textos (intertextualidade<sup>10</sup>) para poder coconstruir a acessibilidade do referente “ele”. Neste caso, supomos que o conhecimento das notícias acerca do “vídeo da reunião”, bem como dos textos que se referem ao contexto pandêmico brasileiro sejam decisivos para o entendimento global da tirinha, contexto no qual o pronome pessoal se insere.

De tudo isso, interpretamos ser possível o referente “ele/s” revelar uma acessibilidade baixa para muitos leitores da tirinha (11), pela questão da implicitude; no entanto, possui relevantes pistas de concessão de proeminência que podem reforçá-lo, tais como a sua proximidade com o tópico discursivo na condição de agente, a não competitividade com outros referentes, o nível de continuidade referencial que se liga à continuidade tópica (ainda que em texto curto) e o *givenness* fornecido pelo contexto enciclopédico, fundamental para a inferência no texto.

A seguir, vejamos outro caso bastante semelhante de implicitude:

(12)



Fonte: <https://pt-br.facebook.com/tirasarmandinho/>

Esta enunciação representa um diálogo entre os personagens “Armandinho”, ao lado do “sapo” e “seu pai”. O fato abordado na tirinha acima reflete os noticiários publicados no período da postagem de Beck. Noticiou-se que Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, anunciou o envio de um alto montante de dólares, em ajuda militar para a Ucrânia, em guerra com a Rússia, após ter acusado o presidente russo, Vladimir Putin, de “criminoso de guerra”. No entanto, em nenhum momento, o diálogo revela claramente este fato.

A tirinha se inicia, textualmente, com a introdução referencial da entidade “eles”, sem indicação de quem seja. Mas, na progressão textual, algumas pistas são dadas por meio de certos referentes acompanhados das ações, como “(dizem querer) a paz”, “(enviam) armas”, “atenção ao que dizem”, “ao que fazem”, “a prática”, revelando-se seu papel de agente no discurso. Para nós, algo que reforça a sinalização do tópico é a imagem de um homem de paletó na TV, que sugere alguém falando, podendo ser um jornalista noticiando o fato. Então se verifica que o tópico abordado é o discurso político contrário à prática, o que vem a marcar sua saliência de *topicidade* com o traço de *agentividade*.

No que tange à *competitividade*, tem-se, por exemplo, a marca verbal das ações que vêm em terceira pessoa do plural, (“dizem querer”, “enviam”, “dizem”, “fazem”), unicamente para remeter-se a “eles”. Por isso, avaliamos o nível de competitividade como *baixa*, o que

<sup>10</sup> Sobre este conceito, sugerimos a leitura do capítulo “Intertextualidades” na obra de Cavalcante et al. (2022).

tende a corrigir possíveis ambiguidades no resgate mental do referente.

Quanto à *distância* e *unidade*, vemos que a tirinha se divide em três quadrinhos, de modo que a menção explícita a “eles” é feita no primeiro quadrinho e, da mesma forma que na tirinha anterior, não é possível quantificar distâncias com relação a um antecedente formal. Quanto à unidade, no segundo quadrinho, o referente encontra-se elíptico por meio das desinências verbais, permitindo sua recuperação por essa marca formal. Entretanto, no último quadrinho, o pai de Armandinho refere-se a um sentido geral da “prática” humana, como “o critério da verdade” (aplicável a qualquer contexto); caso no qual se inclui “a prática dos políticos”, assim como o referente “Joe Biden”, que representa “o governo dos EUA”, não acarretando assim uma unidade plenamente correferencial.

No nível da *continuidade tópica*, relacionada às relações de ancoragem, entendemos que “eles” são o principal atrator de operações. Isto se explica pela centralidade das referências de “Armandinho” e do “pai” ao “governo dos EUA” e a outros referentes que com isso se relacionam de uma maneira ou de outra: “a paz”, “armas”, “atenção ao que dizem”, “o que fazem”, “a prática”, “o noticiário na TV”. Como marca argumentativa da contradição “discurso x prática” abordada, note-se a relação opositiva entre os referentes “a paz” x “armas”, sugerindo que “o que dizem” não seria o mesmo que “o que fazem”, sendo todos os elementos associados a “eles” enunciativamente.

Sobre o *fator ligado ao givenness pelo contexto enciclopédico*, percebemos o quão importante é a ciência desse fato abordado no texto. Em outros termos, a nosso ver, para que haja toda essa associação em rede, faz-se necessário o conhecimento de todo o contexto da notícia divulgada na mídia. Da mesma forma que na tirinha anterior, julgamos que o saber intertextual possua aqui um papel decisivo.

Com isso, diremos que as duas tirinhas analisadas refletem o padrão de análise dos fatores selecionados quanto ao *givenness pelo contexto linguístico*, ao *givenness pelo contexto da situação de fala* e ao *givenness pelo contexto enciclopédico*, nos termos de Ariel (1996). No que diz respeito ao fator ligado ao *givenness pelo contexto linguístico*, o pronome “ele” é comumente usado como um clássico marcador de retomada de âncoras explícitas no cotexto, como dissemos. No entanto, observamos que, de acordo apenas com as informações presentes na superfície cotextual, não é possível determinar a quem “ele/s” se refere nas tirinhas, pois representam casos nos quais não são estabelecidos antecedentes lineares que os ancoram, ou apenas há antecedentes de identificação vaga, o que resulta em uma baixa identificação do referente apenas por esse parâmetro formal.

No que se refere ao *fator ligado ao givenness pela situação de fala*, ao analisar o contexto da interação verbal entre os personagens, conforme discutido por Cavalcante et al. (2022), nas tirinhas de Beck, nota-se uma espécie de enunciação poligerida (isto é, produzida por mais de um locutor) dos discursos dos personagens, inserida em uma enunciação monogerida. Isto porque há uma sequência dialogal, ou seja, uma troca de turnos de fala inserida na sequência narrativa<sup>11</sup> dominante no texto. Ao se referirem à tirinha de Armandinho, Cavalcante et al. (2022, p. 232) afirmam que “a forma poligerida (de diálogo) só se verifica nas ações entre os personagens”, ao passo que a enunciação monogerida corresponde à que se estabelece entre o produtor textual, que narra a tira, e o leitor, na indicação de como a enunciação deve ser interpretada. A partir da enunciação poligerida, é possível inferir que os personagens reconhecem os referentes implícitos dos quais tratam, como se o leitor também estivesse presente na mesma cena enunciativa ficcional.

Já no plano monogerido, considerando que esse trecho do diálogo dos personagens

---

<sup>11</sup> As sequências dialogal e narrativa são tipos de sequências textuais no conceito de Jean Michel-Adam (2011), compostas de macroproposições com funções específicas que compõem todo texto.

insinua a continuação de uma conversa, fica evidente a simulação dos referentes "ele/s" como elementos de retomada da qual o leitor não participa. Podemos entender isso não como um problema de escrita de Alexandre Beck, mas sim como recurso intencional e estilístico, e que demandaria, em tese, mais esforço cognitivo no acesso aos sentidos.

Havemos de lembrar que quem é seguidor de Alexandre Beck compartilha o conhecimento de que o autor se posiciona por meio de tais criações textuais, mostrando seu ponto de vista sobre um assunto que, de certa forma, tenha repercutido em contexto (inter)nacional. Nesse sentido, os leitores/seguidores das páginas de Armandinho nas redes sociais devem estar sempre “antenados” com os noticiários. Logo, o *givenness ligado ao contexto enciclopédico* é o tipo de *givenness* que mais nos parece relevante para a construção da acessibilidade pronominal de pessoa em nosso *corpus*, ao lado de pistas de concessão de destaque referencial pela *topicidade*, pela *não competitividade* e pela *atratividade nas relações de ancoragem*.

### Considerações finais

O nosso objetivo foi propor uma análise que contemplasse uma interface entre a noção de redes referenciais, na Linguística Textual, e os fatores de acessibilidade, os quais podem se revestir da condição de proeminência, enfatizada por autores da Pragmática Discursiva. Porém estamos longe de uma análise conclusiva sobre o fenômeno no texto, visto que há uma grande complexidade de questões na interação entre os fatores de acessibilidade, lembrando o que nos diz Costa (2007).

Vimos que as tirinhas de Armandinho analisadas neste artigo, representativas de nossa amostra, sugerem uma baixa acessibilidade para muitos leitores, devido ao seu alto teor de implicitude. Entretanto as pistas de proeminência as quais elencamos, embora não nos tenhamos valido de metodologia experimental, são sugestões de possíveis reforços ao resgate mental do referente pronominal “ele/s” nesse contexto; reflexões estas que deverão ser ampliadas a partir desses *insights* que trazemos sobre a questão.

Dito isso, ressaltamos a relevância de uma análise referencial em rede, posto que os elementos do texto estão interligados, em múltiplas possibilidades de conexões não lineares, as quais podem contribuir para a acessibilidade do referente implícito “ele/s”, observando-se que, quanto mais destaque ou proeminência podem ter no texto, mais acessíveis podem ser as entidades mentais construídas no discurso.

No caso das tirinhas de Armandinho analisadas, percebemos o quão decisivas podem ser as informações dadas pelo contexto enciclopédico para o nível de acessibilidade, pois estas não são automaticamente acessíveis pelo cotexto, vindo a depender dos conhecimentos episódicos sobre o cenário político brasileiro. Isso se faz acompanhar de outras relevantes pistas de empréstimo de proeminência, além de outras pistas de ordem temática, semântica, discursiva, ou ainda, de outros indícios gramaticais (sintáticos, morfológicos etc.) dos quais não nos ocupamos necessariamente, neste artigo.

### Referências

ADAM, Jean Michel. **A Linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2011.

ARIEL, Mira. Referring and accessibility. **Journal of Linguistics**, 1988, n. 24, p. 65-87.

ARIEL, Mira. **Linguistic marking of physical givenness**. In: Second Colloquium on Deixis.

Anais [...]. Nancy, 1996. Disponível em: <http://www.loria.fr/~romary/Deixis/PapersDeixis>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ARIEL, Mira. Accessibility theory: an overview. In: SANDERS, Ted; SCHILPEROORD, Joost; SPOOREN, Wilbert. **Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2001, p. 29-89.

BECK, Alexandre. **Armandinho**. 22 de mai., 2020. Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/tirasarmandinho?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/tirasarmandinho?locale=pt_BR). Acesso em 14 de jun. 2023.

BECK, Alexandre. **Armandinho**. 16 de mar., 2022. Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/tirasarmandinho?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/tirasarmandinho?locale=pt_BR). Acesso em 30 de mai. 2023.

CAVALCANTE, Mônica. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan/jun., 2003.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

COSTA, Maria Helenice. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GIVÓN, Talmy. **Topic continuity in discourse: A quantitative cross-language study**. Amsterdam/Filadelphia: John Benjamins, 1983.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqayia. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HIMMELMANN, Nikolaus; PRIMUS, Beatrice. Prominence beyond prosody - a first approximation. In: Dominici, Amedeo De (Org.), **pS-Prominences: Prominence in Linguistics**. Proceedings of the International Conference. DISUCOM Press, University of Tuscia, 2015, pp. 38- 58.

JASINSKAJA, Katja et al. Prominence in discourse. In: Dominici, Amedeo De (Org.). **Prominence in Linguistics**. Proceedings of the pS-prominenceS International Conference. DISUCOM Press, University of Tuscia, 2015, p. 134-153.

KOCH, Ingedore; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, São Paulo, v.14, n.especial, p. 169-190, 1998.

MARTINS, Mayara. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. 2019. 142f - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

MATOS, Janaica Gomes. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. Tese

(Doutorado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018a.

MATOS, Janaica Gomes. Em defesa da noção sobre redes referenciais na construção do texto. **Organon**, Porto Alegre, v. 33, n. 64, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/81588>. Acesso em: 07 abr. 2018b.

RONCARATI, Cláudia. **Cadeias do texto: construindo sentidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

Von HEUSINGER, Klaus von; SCHUMACHER, Petra. Discourse prominence: definition and application. **Journal of Pragmatics**. Cologne, n. 154, ago. 2019, p. 117-127.